

POR QUE USAR PROGRAMAS DE APOIO À TRADUÇÃO?

Danilo Nogueira
Tradutor/São Paulo
danilo.tradutor@uol.com.br

Vera Maria Conti Nogueira
Tradutora/São Paulo
info@nogueiratranslations.com.br

Resumo: A resistência contra os programas de apoio à tradução (PAT) vem do fato de que a maioria dos tradutores ainda não entende que essas ferramentas não traduzem, mas ajudam o tradutor a fazer um trabalho melhor de modo mais confortável, bem como da confusão com as ferramentas de tradução automatizada (TA) que produzem traduções hilariantes. Além de ajudar o tradutor a manter uniformidade, evitar os saltos e tratar dos nomes e números corretamente, essas ferramentas também criam corpora bilingües automaticamente. Recusar-se a utilizar uma dessas ferramentas equivale a apertar parafusos com faca de cozinha quando se dispões de chaves de fenda.

Palavras-chave: Tradução; informatização da tradução; programas de computador de apoio à tradução.

Abstract: The existing resistance against computer-assisted translation tools (“CAT”) comes from the fact that too many translators still do not understand that those tools do not translate but only help the translator do a better job in a more comfortable way and from the confusion with machine translation tools that still do hilarious jobs. In addition to helping the translator maintain consistency, avoid omitted text and handle names and numbers correctly, those tools also automatically create searchable bilingual corpora. Refusing to use them is tantamount to tightening screws with a kitchen knife when there are screwdrivers at hand.

Keywords: Translation; computer-assisted translation; translation software.

Tradutores tendem ao conservadorismo tecnológico. Entre os mais velhos, ainda há quem alimente a saudade de sua máquina de escrever. Há quem diga, “sou tradutor, não micreiro”, como, há quarenta anos, havia quem entregasse ao editor traduções manuscritas, alegando ser tradutor, não datilógrafo.

Quem se recusa a usar programas de apoio à tradução (PAT) costuma alegar que esses programas podem ser muito úteis para os outros, mas, para o “seu” tipo de tradução, tem pouca serventia.

Entretanto, os PATs são úteis, para não dizer indispensáveis, para todos os tradutores e tipos de tradução, exceto quando a saída eletrônica não é aceitável, como é o caso da legendagem. Os ganhos de produtividade são maiores em textos altamente repetitivos, mas os ganhos de qualidade e conforto do tradutor são sempre altos, independentemente do tipo de tradução.

Nenhum desses programas traduz, todos ajudam o tradutor a realizar um trabalho de melhor qualidade, com mais facilidade e em menor tempo.

1. O que há no mercado

Há vários programas de PAT no mercado. Aqui, tratamos exclusivamente dos mais conhecidos e confiáveis:

- DéjàVu (www.atril.com)
- SDLX (www.sdl.com)
- StarTransit (www.star-group.net)
- Trados (www.trados.com)

- Wordfast (www.wordfast.net)

Temos experiência com todos eles, exceto o SDLX. Há outros programas no mercado, a maioria ainda em fase de desenvolvimento. Usar um programa em fase de desenvolvimento é empreendimento arriscado, recomendado exclusivamente aos experientes. Os cinco programas citados acima, entretanto, são suficientemente estáveis para um trabalho profissional. Todos esses programas têm módulos de gestão de glossários e gestão de memória de tradução. A integração entre esses módulos é total, de modo que o tradutor utiliza as informações fornecidas por ambos ao mesmo tempo e automaticamente.

Cada um desses programas oferece suas próprias vantagens e desvantagens: não é possível dizer qual é o melhor. A escolha depende do tipo de trabalho e de preferências pessoais. Antes de comprar, é indispensável testar um demo durante algum tempo.

2. Características comuns aos programas de PAT

Embora muito diferentes na aparência, esses programas compartilham uma série de características, descritas adiante.

2.1 Texto de partida e de chegada juntos

Todo programa de PAT mostra o texto de partida na tela, com um espaço para a tradução, abaixo ou ao lado. À medida que traduzimos, vamos vendo o texto de partida par a par com o de chegada. Isso, em si, já facilita muito o trabalho do tradutor. Quando se usa Wordfast ou Trados, é possível, a nosso exclusivo critério, ocultar temporariamente a parte do texto de partida correspondente à porção já traduzida, para ter uma visão exclusiva do texto de chegada.

2.2. Mais ergonômico

Quem vê o texto de partida e a tradução juntos, na mesma tela, não precisa ficar torcendo o pescoço o tempo todo, alternando o olhar entre papel e tela. Quando se tem o texto de partida em formato eletrônico, é possível dividir a tela ao meio, para visualizar cada um dos textos em uma das metades. Mas qualquer programa dos mencionados acima cuida dessa tarefa melhor e mais economicamente, automaticamente contrapondo texto de partida e de chegada.

2.3. Dificulta os saltos

Esta característica aumenta a concentração no trabalho e o controle sobre o que se está fazendo; dá uma visão melhor do texto de partida e de todo o contexto. Dispensa a régua para marcar o ponto em que estamos, não precisamos voltar atrás para rever o que dizia a página anterior. Não corremos mais o risco de saltar um período ou um parágrafo, além de tudo porque todos os programas têm algum tipo de controle que alerta o tradutor para essas falhas.

2.4. Preservação da diagramação

Quase ninguém mais traduz usando “courier new, espaço duplo”. Não sei se fomos nós os tradutores que começamos a oferecer – ou se foram os clientes que começaram a exigir – mas o fato é que, cada vez mais, respeitar a diagramação do documento traduzido é essencial, principalmente quando se trata de traduções dos tipos ditos técnicos, que, afinal de contas, constituem mais de 90% do que o mercado oferece.

Manter a diagramação pode ser muito fácil ou muito difícil. Quando se usa PAT, o texto de chegada é automaticamente diagramado como o de saída.

O cliente fica mais satisfeito quando vê que “até a diagramação” foi respeitada e satisfação do cliente é muito importante, mas, do ponto de vista da qualidade, o que importa é que nossa tradução é vista como o documento final, que dispensa intervenções posteriores e, por-

tanto, corre menos risco de adição de erros. Mais de um de nós teve seu texto prejudicado na hora de “colocar na estética” do cliente.

2.5. Tratamento de formatos estranhos

Nossa tendência é pensar em termos de arquivos criados usando o Word for Windows. Mas esses arquivos representam uma parcela cada vez menor do trabalho do tradutor. Hoje, o tradutor tem que lidar com PowerPoint, HTML, XML, C++ , Java, XML, Help e um nunca-acabar de outros. Esses formatos “não-Word” representam uma parcela crescente de nosso serviço e, embora o texto em si possa ser até fácil de traduzir, lidar corretamente com a profusão de marcações (“tags”) é uma tarefa impossível sem PAT. Quem trabalha fundamentalmente para editoras se considera imune a esses problemas e, realmente, por enquanto está. Porém, mais dia menos dia os editores vão descobrir que podem reaproveitar a diagramação do texto de partida dos livros enviando ao tradutor arquivos eletrônicos, em vez de um exemplar em papel. Melhor preparar-se já.

2.6. Números com precisão

Uma das tiradas humorísticas mais batidas – e, aliás, mais irritantes – de nossos clientes é comentar que os números não precisam ser traduzidos, sorrindo muito anchos da observação espirituosa e, provavelmente, na expectativa de um desconto. Qualquer um de nós sabe que transcrever algarismos é tarefa inglória, como também é insano o trabalho de trocar pontos por vírgulas e vírgulas por pontos, ou espaços por pontos e pontos por espaços, conforme necessário para atender as normas da língua de chegada.

Os PATs cuidam de transcrição e pontuação automaticamente e, no caso do Déjàvu e do Wordfast, ainda dão o alarma, caso o tradutor, desprezando a possibilidade de o programa dar conta da situação sozinho, decidir digitar os algarismos e cometer algum erro. Nesse caso, como sempre, cabe ao tradutor a decisão.

2.7. Nomes próprios com correção

Os glossários também dão conta de nomes próprios com facilidade. O processo varia conforme o programa, mas é sempre simples e garantido. Há dois tipos de nome próprio, do ponto de vista do tradutor: o que deve ser mantido como no texto de partida e o que deve ser traduzido. O segundo tipo inclui, fundamentalmente, alguns nomes geográficos.

A técnica é simplesmente adicionar os nomes próprios ao glossário, mesmo que não devam ser traduzidos. Por exemplo, o glossário pode conter London > Londres, porque se traduz, e Zbigniew Brzezinski > Zbigniew Brzezinski, porque não se traduz, mas a maioria considera difícil de digitar. A adição de nomes próprios difíceis de grafar reduz o trabalho de revisão e limita os constrangimentos causados pelos erros que tantas vezes escapam. São ainda muito úteis no caso dos nomes próprios que incluem caracteres que não podem ser produzidos diretamente no teclado do tradutor, como, por exemplo “ø” ou “à”, usados pelas línguas escandinavas.

Conforme o programa, também é fácil configurar um aviso para quando um nome próprio for omitido ou grafado erradamente.

2.8. PAT com interface própria e PAT que usa interface do Word

Este é o momento de tocarmos em uma divisão capital para PAT: programas que usam a interface do Word e programas que usam uma interface própria.

Os programas que usam a interface do Word incluem o Wordfast e o Trados. Esses dois programas funcionam, digamos, como suplementos ao Word for Windows. O usuário vê a tela normal do Word for Windows, sua velha conhecida, com mais alguns ícones e o teclado ganha uns poucos atalhos específicos do PAT. Um sistema muito bom, inclusive porque é um ambiente de trabalho familiar.

Esses programas, de modo geral, são muito satisfatórios quando o arquivo a traduzir vem em formato Word. Quanto mais o formato se afasta do Word, mais complicada se torna a tarefa.

Os programas que usam interface própria, como o SDLX, Déjàvu e StarTransit por outro lado, apresentam ao tradutor inicialmente uma tela intimidadora, sem nada que se reconheça. A curva de aprendizado é menos favorável e a barreira emocional é muito alta. Esses programas, além de tudo, exigem a criação de projetos, com importação de arquivos e outras operações, novidades de informática a aprender, coisas que geralmente não apetezem aos tradutores.

No entanto, os programas com interface própria, além de funcionar muito bem, tornam-se cada vez mais úteis à medida que nos afastamos do formato Word. Por exemplo, o tradutor defrontado com um sítio inteiro da Internet, que pode ter mais de 5.000 pequenos arquivos, a serem mantidos em uma árvore de diretórios complicadíssima, pode dar conta do recado sem grande dificuldade, importando todos os arquivos para um projeto de um programa com interface própria, que, além de tudo, vai tratar todos os arquivos como se fossem um só, uma vantagem enorme quando se trata de arquivos de pequeno tamanho.

2.9. Uso ativo dos glossários

A maioria de nós coleciona glossários. Esses glossários são um recurso latente: é necessário lembrar que a palavra está no glossário, interromper a tradução, abrir o glossário e fazer a pesquisa.

Todos os PATs têm gerenciadores de glossários integrados. A maioria, muito amigável. Mesmo o Trados, que oferecia um programa mais voltado ao uso do terminólogo profissional e muito pouco apropriado para uso pelo tradutor, agora tem um aplicativo de gestão de glossários mais eficiente e simples de usar, embora ainda bem longe do que se gostaria que fosse.

Esses gestores, de modo geral, permitem desde montar glossários extremamente simples, do tipo *potato* > *batata*, até estruturas

complicadíssimas, multilíngües, que atendem às exigências dos terminólogos mais exigentes.

2.10. Pesquisa ativa e imediata

A primeira grande vantagem desses gestores é pesquisar os glossários ativamente. Quer dizer, se no glossário consta *potato* > *batata*, cada vez que aparecer *potato* no texto de partida, de alguma forma o programa imediata e automaticamente mostra o termo. Todos os programas têm algum meio de mostrar as várias traduções possíveis para qualquer termo glossarizado, permitir que o tradutor escolha a mais adequada para o contexto e insira a escolhida no lugar apropriado, com um ou dois toques no teclado.

Sempre é possível fundir mais de um glossário em um só arquivo, caso em que o programa permite indicar a fonte de cada termo, de modo que o tradutor sabe se está usando a sugestão do glossário X ou do glossário Y. Também se pode inverter o glossário, de modo que o inglês > português se torne português > inglês.

2.11. Uso de diversos glossários ao mesmo tempo

A maioria dos programas, além disso, permite usar mais de um glossário ao mesmo tempo, o que é útil quando o tradutor não quer fundir, digamos, um glossário específico de um cliente com o seus glossários gerais.

O PAT, automaticamente, mostra todas as traduções de todos os glossários, sem esquecer de indicar que uma determinada tradução é a exigida ou preferida pelo cliente, mesmo que esta conflite com o que dizem os outros glossários.

2.12. Garantia de uso de traduções obrigatórias

Wordfast e Déjàvu têm sistemas de aviso diferenciados que podem ser ativados exclusivamente para alguns dos glossários. Por exemplo, o sistema pode ser configurado de modo a somente avi-

sar quando o tradutor deixou de respeitar o glossário considerado obrigatório.

Adicionar termos ao glossário, durante o processo de tradução, é tarefa também simples, mas que difere conforme o programa usado. O fato é que, ao mesmo tempo que traduzimos, vamos enriquecendo nossos glossários e, em verdade, a primeira recomendação que se dá aos iniciantes é alimentar os glossários.

2.13. Características especiais dos glossários para uso com PAT

Tudo o que se encontra num glossário do tipo tradicional pode ir para um glossário especial para PAT. Mas há muita coisa que normalmente não colocaríamos num glossário e que vale a pena colocar quando se usa PAT.

A principal categoria é a dos “termos fáceis”, por exemplo, meses do ano. Que tradutor experiente colocaria em seu glossário os meses do ano? No entanto, para a maioria dos tradutores, ter os meses do ano e suas respectivas traduções em um glossário para uso com PAT é uma grande vantagem, porque na hora de traduzir, as datas saem quase automaticamente. Num texto com muitas datas, é uma benesse. Como também é uma benesse o fato de que os olhos do programa nunca se cansam e, por isso, ele jamais confunde junho com julho, como tantos de nós já fizemos.

Também é útil adicionar seqüências de palavras longas e frequentes, por mais que lhes conheçamos a tradução. Por exemplo, para quem traduz texto sobre contabilidade, uma expressão como *in accordance with generally accepted accounting principles*, que tem uma tradução padronizada, quase que litúrgica, e aparece com grande freqüência, deve constar do glossário, porque, assim, a tradução pode ser inserida com um único toque, e poupando os pelo menos 50 que seriam necessários para digitar sua tradução inteira. Além de economizar toques, esse procedimento tem a vantagem de reduzir os erros de digitação.

Alguns colegas têm um arquivo enorme de autotexto, um recurso do Word for Windows que transforma um código de poucas letras em um termo longo. Por exemplo, é possível programar o Word para reproduzir a seqüência acima com, digitando, por exemplo, *gaapxx*. Funciona perfeitamente, mas a quantidade de códigos a memorizar está acima da capacidade de muitos de nós, ao passo que o programa jamais se esquece de um termo.

2.14. Coleta de termos e preparação de glossários específicos

Muitas vezes, vale a pena criar um glossário específico para um determinado trabalho. Essa providência é recomendável quando um texto muito longo precisa ser dividido entre diversos tradutores e é importante garantir que os mesmos termos sempre recebam as mesmas traduções. Mas mesmo para o tradutor que vai enfrentar o texto sozinho, o levantamento antecipado de um glossário pode ser muito importante, tanto em termos de qualidade como de redução do tempo necessário para levar uma tradução a cabo.

Para esse fim, tanto o Déjàvu como o Wordfast têm ferramentas simples para levantar listas de palavras e frases. Por exemplo, dado um texto, o Déjàvu é capaz de preparar uma lista na qual informa quantas vezes no texto aparece a expressão “Heitor, domador de cavalos” e permite antecipadamente dar a essa expressão uma ou mais traduções e adicioná-la a um glossário. A ferramenta do Wordfast não é tão eficiente, mas funciona. A Trados vende uma ferramenta para esse fim, separadamente, o Term Extract.

Evidentemente, os glossários desenvolvidos para um determinado trabalho podem ser agregados a um glossário mestre e, quanto maior e melhor o glossário, maior é a probabilidade de conseguirmos uma tradução de melhor qualidade em menor tempo.

Muitos tradutores dão mais valor aos glossários do que às próprias memórias de tradução, que vamos analisar na seção seguinte. Esses tradutores desenvolveram métodos muito avança-

dos de criação de glossários e usam glossários enormes, com mais de cem mil termos, que vão desde palavras isoladas até grande número de sintagmas com mais de cinco palavras. Formar um glossário desse porte, como subproduto de suas traduções, é um dos melhores investimentos que um tradutor pode fazer. À medida que o glossário vai crescendo, os resultados vão se fazendo notar e as traduções vão se formando com maior presteza e uniformidade. Esses glossários formados pelo próprio tradutor, durante o curso de seu trabalho, são mais úteis e realistas do que quaisquer outros. Esse tipo de glossário é especialmente útil nas traduções de filosofia e ciências sociais, onde sempre há uma série de conceitos sempre refletidos pelos mesmos termos e que exigem tradução uniforme. Evidentemente, cabe ao tradutor, em cada caso, decidir se vai optar por uma das traduções oferecidas pelo glossário.

Mas é necessário resistir à tirania do glossário e dar-se conta de que toda tradução é passível de melhoria e, à medida que são usados, os glossários podem e devem ser melhorados, o que cria uma espécie de “tensão dialética” entre os guardados do tradutor e suas novas experiências tradutórias: preservar e mudar.

2.15. Buscas difusas

Na maioria dos programas, também é possível usar os recursos de busca difusa, o que se conhece em inglês como *fuzzy match*. Quando esses recursos estão ativados, se no texto de partida aparecer um termo que não conste no glossário, o gestor vai procurar algo similar, dependendo de um algoritmo que varia de programa para programa e, em certos casos, pode ser até ajustado pelo usuário. Essa função tem vantagens e desvantagens, porque pode acabar por oferecer um número exagerado de sugestões pouco úteis. A conveniência de usá-la depende muito do tipo de serviço que se está fazendo no momento.

3. A memória de tradução

Muitas vezes, os PATs são chamados programas de memória de tradução. Era uma boa descrição para o que faziam em suas versões iniciais. Mas de tudo o que dissemos até agora, nada tem que ver com memória de tradução. Todos os recursos de que falamos até agora, todas aquelas vantagens, estão disponíveis para nós sem uma memória de tradução.

Com a exceção do Wordfast, que pode trabalhar sem memória de tradução ativa, todos eles, teoricamente, exigem uma memória, mas é bom lembrar que tudo aquilo de que falamos até agora independe do que possa haver na memória. Em outras palavras, tudo aquilo de que falamos até agora está a nossa disposição mesmo que a memória não exista ou, por qualquer motivo que seja, esteja absolutamente vazia e não receba informação alguma durante o processo de tradução.

Então, seria de perguntar, para que serve a memória de tradução?

3.1. Que é a memória de tradução?

Para a maioria dos programas, a memória de tradução é um arquivo onde são guardados todos os segmentos traduzidos e suas respectivas traduções, mais um conjunto de informações que varia conforme o programa. Por exemplo, um dos registros de uma memória de Wordfast pode conter os seguinte dados:

20050218~ 054557 DN 1 EN-US *The book is on the
table.*
PT-BR *O livro está em cima da mesa.*

Isto significa que em 18 de fevereiro de 2005, DN (Danilo Nogueira) encontrou, em um texto, *The book is on the table*, que houve por bem traduzir como *O livro está em cima da mesa*, tradução que foi usada uma só vez. O texto de partida estava em inglês dos

Estados Unidos, a tradução foi para o português do Brasil. O sistema é mais ou menos o mesmo, independentemente do programa, exceto para o Star-Transit, mas essa diferença não afeta nosso raciocínio, aqui.

3.2. Segmentação: o respeito ao contexto

A memória não trabalha com palavras isoladas, trabalha com o que se chamam “segmentos”. Um segmento é aproximadamente o que os gramáticos chamam um “período”. O programa segmenta segundo um algoritmo baseado na pontuação, o que pode levar a erros que o tradutor corrige manualmente. Como a memória trabalha com segmentos, considera o contexto automaticamente. Quer dizer, as palavras não são vistas como entes isolados e independentes do contexto em que foram empregadas.

3.3. Busca difusa: mais coerência para a tradução

Além de encontrar correspondências integrais, quer dizer, casos em que um segmento é repetido literalmente, os programas automaticamente fazem buscas difusas, nas quais encontram segmentos semelhantes, que apresentam ao tradutor, juntamente com as traduções dadas anteriormente, assinalando as diferenças por meio de um código de cores. Esse recurso ajuda o tradutor a traduzir o igual pelo igual, o semelhante pelo semelhante, o diferente pelo diferente, dando assim maior coerência ao texto.

Também muitas vezes nos alerta para o fato de que uma determinada tradução é menos apropriada em um primeiro momento e nos convida a retornar a um ponto já traduzido, para aperfeiçoar nosso trabalho com base na experiência adquirida. Essa ocorrência é mais comum do que se possa imaginar. Às vezes, na página 20 nos aparece uma sugestão baseada no que traduzimos na página 15, a qual, com base no que vimos depois de traduzir a página 16, já não nos parece tão boa. Claro, volta-se à página 15 e faz-se a correção.

3.4. Filtros: ver somente o que se quer

Para ajudar nessa tarefa de uniformização, alguns programas permitem usar filtros, que mostram na tela somente os segmentos que usam um determinado termo ou expressão, e permitem emendar cada um deles como nos parecer necessário para termos um texto mais coerente.

3.5. Concordância automática: mais coerência para a tradução

A maioria dos programas também encontra seqüências de três a dez palavras que já foram traduzidas e as apresenta ao tradutor, juntamente com o segmento em que se encontram e com a tradução que esse segmento recebeu. Muitas vezes, essas seqüências são, na verdade, termos técnicos, que tendem a se repetir freqüentemente e que convém adicionar aos glossários. Entretanto, sejam ou não sejam adicionadas ao glossário, é sempre bom saber que uma vez apareceu, dentro de um período, uma determinada expressão e como foi traduzida naquela ocasião.

A concordância automática faz busca na memória toda, inclusive no que foi feito para outras traduções, o que nos dá também um certo sentido de oposição entre o que chamaríamos “semelhança vertical” (semelhança dentro do mesmo texto) com “semelhança horizontal” (semelhança com outros textos).

3.6. Atualização de documentos

O uso mais óbvio do módulo de memória de tradução dos PATs é atualizar documentos. Deixa de ser necessário comparar metodicamente duas versões do documento de partida e alterar a tradução onde necessário. Simplesmente iniciamos a tradução da última versão como se fosse um documento novo. O PAT vai recuperando as traduções dos segmentos, apontando, em cada caso, as alterações feitas e, se assim o quiser-

mos, inserindo automaticamente os segmentos que não foram alterados.

Se houver transposição de textos, quer dizer, se o que estava no capítulo 5 migrou para o 25 e o que estava no capítulo 26 foi para o capítulo 4, o PAT coloca automaticamente as traduções nos lugares corretos.

3.7. Criação de um corpus bilíngüe

A memória é um corpus bilíngüe. Um corpus que aumenta constantemente e que pode vir a atingir um tamanho muito respeitável. Um corpus que, além de incluir textos e suas traduções, ainda pode indicar em que documento se encontra o trecho e quem fez a tradução e em que data a tradução foi feita. Um corpus especializado, muitas vezes, nas áreas a que o tradutor mais se aplica.

O DV e, até certo ponto, o Wordfast aceitam comandos na linguagem SQL, que permite manipular as memórias com mais eficiência e eficácia. Entretanto, SQL está longe de ser algo óbvio e as listas de usuários estão cheias de pedidos de ajuda com SQL. A maioria dos tradutores que usa PAT não usa SQL nem sabe usar. Muitos de nós temos um arquivo onde anotamos comandos de SQL para uso posterior.

4. Fusão, inversão e conversão de memórias com o mesmo par de línguas

É sempre fácil fundir duas ou mais memórias, para delas fazer uma só desde que, evidentemente, todas as memórias trabalhem com o mesmo par de línguas.

Também é fácil inverter o sentido de uma memória, para que, por exemplo, em vez de funcionar do inglês para o português, opere do português para o inglês, uma tarefa muito importante, por exemplo, no caso de negociação de contratos, em que propostas e

contrapropostas se sucedem a alta velocidade e é necessário traduzir o mesmo texto de uma língua para outra, para receber emendas e sugestões e, em seguida, imediatamente retrotraduzir o texto emendado para a língua de partida, de modo a reproduzir as emendas feitas.

É possível converter de um formato de memória em outro e a maioria dos programas atualmente aceita formato translation memory exchange (*.tmx), que serve exclusivamente para utilizar em um programa a memória criada em outro.

5. Quando os programas diferem

O mercado internacional de traduções é em grande parte dominado por grandes agências, para as quais o padrão é o Trados, recentemente adquirido por sua concorrente, a SDLX. Para muitos tradutores, inclusive, o Trados é o único programa que existe, o que é lamentável. Entretanto, por isso, a maioria dos outros programas permite trabalhar com arquivos no “formato Trados” que as agências preferem. Essa é uma grande vantagem para o tradutor, evidentemente, que pode usar seu programa predileto e ainda fornecer o produto que o cliente quer.

Muitos tradutores têm mais de um programa de PAT e saltam de um para o outro conforme as necessidades do momento. Que e quantos programas cada um de nós vai comprar e dominar é algo que depende muito do tipo de serviço que cada um faz. Por exemplo, para traduzir literatura ou ciências sociais em arquivos com o formato Word, qualquer programa serve e o Wordfast, que é baratíssimo, dá conta do recado com galhardia. Entretanto, traduzir sítios da Internet ou de intranets é tarefa muito mais simples em Déjàvu ou StarTransit do que em outros programas.

6. Alinhamento: reutilização de traduções que não foram feitas com PAT

Quando se dispõe de um ou mais conjuntos de texto de partida e de chegada em que se pode depositar confiança, pode ser conveniente usar esse material como base para uma memória de tradução. Esse procedimento é especialmente recomendável, por exemplo, quando se tem um manual cuja tradução foi ampla e cuidadosamente revisada e precisa ser atualizado. Se a tradução anterior não tiver sido feita com PAT, vale a pena fazer o que se chama tecnicamente “alinhamento” e produzir uma memória de tradução a partir dos documentos de partida e de chegada.

Todos os programas têm alguma ferramenta para executar essa tarefa e todas funcionam. Mas é geralmente uma tarefa cansativa, que só vale a pena empreender em casos de atualização de textos para os quais já se tem uma boa tradução.

7. Ganho geral de qualidade: quem manda é o tradutor

O programa jamais obriga o tradutor a usar esta ou aquela solução: sugere, pode soar um alarma se a sugestão for desprezada, mas sempre respeita a escolha do tradutor. Em outras palavras, a tradução feita com PAT não perde em qualidade. O tradutor, ao ver o programa fazendo sugestões baseadas no que tem na memória, se sente estimulado a melhorar e aperfeiçoar seu trabalho constantemente.

Sempre há e sempre houve tradutores incompetentes, desleixados e desinteressados, para os quais qualquer tradução serve, mas as traduções que essas pessoas fazem jamais têm qualidade, quer usem PAT ou não.

8. Exigência do mercado

Por todos os motivos acima e por muitos mais, cada vez se torna mais comum o cliente preferir tradutores que saibam lidar com PAT, principalmente quando se trata de trabalhos de atualização de documentos ou de processamento em equipe, que se tornam cada vez mais comuns a cada dia que passa.

Não há como fugir a essa tendência. Não faz tanto tempo, num encontro de tradutores, vários colegas explicaram detalhadamente por que não precisavam de computadores. Hoje, todos eles têm computador. A exceção é um que se aposentou. Não faz muito tempo, um colega explicava, com clareza meridiana, por que PAT era desperdício de tempo. Hoje, dá cursos de treinamento no uso de PAT.

Uma das maiores frentes de oposição está entre os tradutores que trabalham para editoras: livros vêm em papel, não em meio eletrônico. Mas conheço pelo menos duas tradutoras que sistematicamente digitalizam os livros recebidos, para tirar partido das vantagens dos programas de PAT. Ambas trafegam no setor de humanidades e ambas são reconhecidas como excelentes profissionais, inclusive no meio acadêmico.

Não duvido que mais dia menos dia os editores, a despeito de seu conservadorismo, se dêem conta dessas vantagens e comecem a enviar aos seus tradutores arquivos em formato editável, para processamento em PAT.

Entretanto, talvez fosse importante lembrar, aos que ainda pretendem ingressar na profissão, que o ramo editorial responde por menos de 1% do mercado de traduções e, por isso, não se deve contar muito com a possibilidade de usá-lo como refúgio contra os ataques da modernidade tecnológica.

9. Vale a pena?

Com exceção do Wordfast, são programas caros. Não damos preços aqui porque as freqüentes promoções e mudanças tornariam a informação inútil. Muitos tradutores têm mais de um programa e, além do dinheiro investido na aquisição, há o investimento de tempo necessário para aprender a usar o programa eficientemente. Além disso, as agências costumam exigir um desconto pelas repetições, um desconto que pode ser exagerado. Neste, como em todos os outros casos em que há remuneração envolvida, é necessário saber negociar, procurar melhores clientes e também dizer “não”.

Há muito não traduzimos absolutamente nada sem PAT. Como resultado, construímos um enorme corpus bilíngüe, fonte de informações preciosas para nosso trabalho. Atualmente, traduzir a partir de um texto de partida impresso ao lado é como apertar um parafuso usando uma faca de cozinha.